

EPIDEMIA

Vacina contra malária é pouco eficaz

Estudo mostra que o imunizante tem só 14% de eficácia em quem vive em regiões infectadas
 MARTHA SAN JUAN FRANCA

Considerada a maior esperança para a erradicação da malária no mundo, a vacina criada pelo pesquisador colombiano Manuel Elkin Patarroyo e sua equipe do Instituto Imunológico do Hospital San Juan de Dios, de Bogotá, acaba de sofrer um grande revés. O estudo coordenado por médicos brasileiros com 800 voluntários em Rondônia provou que a vacina tem apenas 14% de eficácia em pessoas que vivem em regiões infectadas. Os resultados do estudo já foram submetidos à revista médica inglesa *The Lancet* e devem ser publicados brevemente.

"A vacina parece proteger um pouco contra a doença, mas não contra a infecção", comentou o infectologista Marcos Boulos, da Universidade de São Paulo, que participou da pesquisa a convite do próprio Patarroyo. Ele explicou que o paciente fica com o parasita no sangue, mas tem imunidade um pouco mais alta contra a doença.

Boulos acredita que a vacina não deve ser deixada de lado. "Se melhorada, pode ser útil para diminuir a gravidade de casos em regiões endêmicas, como a Amazônia", afirmou. "Ela não serve para proteger os viajantes que se aventuram nessas áreas e nunca tiveram contato com o parasita."

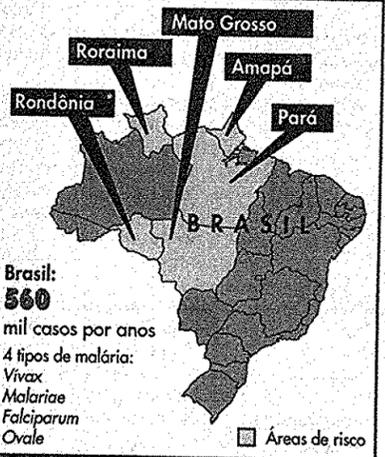
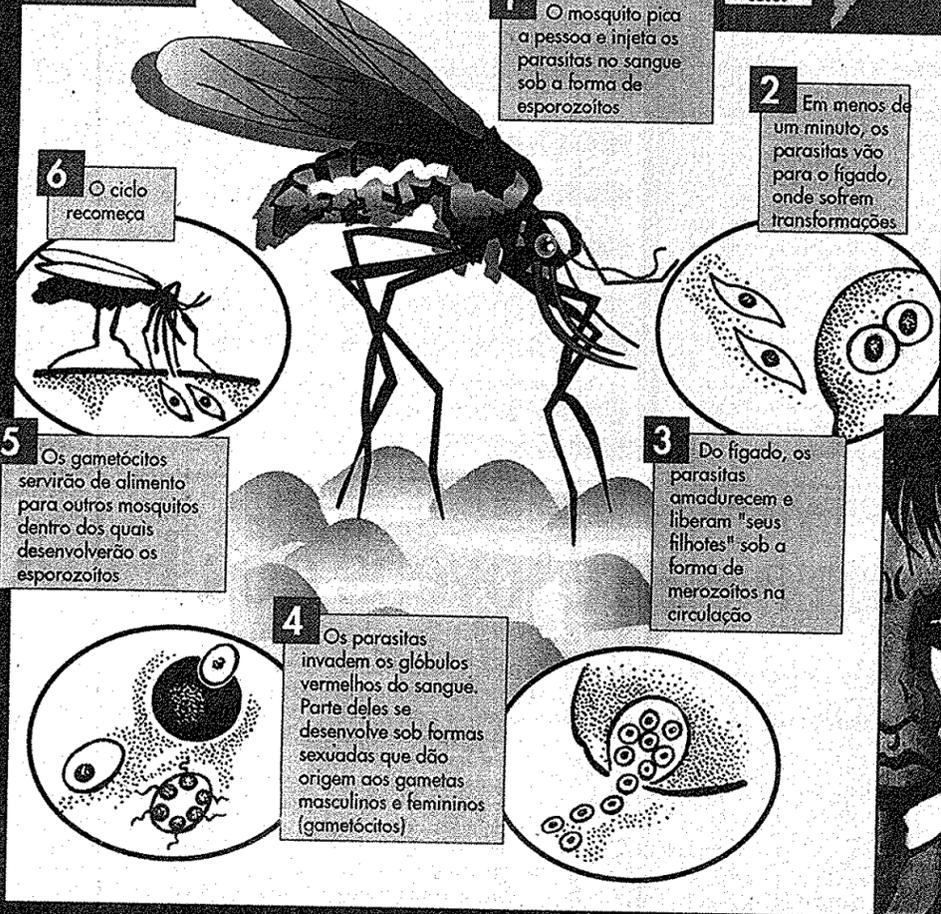
Apesar de a vacina de Patarroyo ter sido doada à Organização Mundial da Saúde (OMS) que se encarregou de aplicá-la em alguns regiões do mundo afetadas pela malária, nunca havia sido testada com o rigor do estudo brasileiro. Durante dois anos, 800 pessoas de 7 a 60 anos de Costa Marques, oeste de Rondônia, participaram do estudo. Metade tomou a vacina de Patarroyo e o restante tomou vacina contra tétano. Os médicos não sabiam quem estava tomando o imunizante.

Os resultados do trabalho serviram de base para a tese de doutorado da médica Marguerita Urdaneta, da Universidade de Brasília. A tese mostrou que a vacina de Patarroyo ajudou a mostrar os mecanismos de imunidade contra o plasmódio, nome do parasita transmissor da doença. O médico colombiano partiu do pressuposto que o melhor momento para atacar o parasita é durante a sua proliferação na circulação. Nessa fase, o plasmódio envia à membrana dos glóbulos vermelhos proteínas capazes de captar substâncias nutritivas fundamentais ao seu desenvolvimento. Com a estrutura do glóbulo modificada, a identificação pelos anticorpos que protegem o organismo torna-se mais fácil. O problema é que essa ofensiva não acaba totalmente com o parasita.

UMA PRAGA DE TERCEIRO MUNDO
 A malária atinge principalmente os países tropicais. O mosquito anopheles (muricoca, pernillongo e carapanã) abriga o plasmódio que é transmitido durante uma picada



Como ocorre a doença



A doença começa na fase de incubação, quando o protozoário está alojado no fígado.

Sintomas
 Ocorrem quando a doença atinge o sangue
 Febre alta
 Calafrios
 Dores de cabeça
 Suor excessivo
 Náuseas
 Delírio
 Falta de apetite

Doença afeta mais de 560 mil brasileiros

Números mostram que a malária é a pior epidemia do País e que parasita resiste a medicamentos

São 568 mil pessoas afetadas pela malária todo ano no Brasil, a maioria nos Estados de Mato Grosso, Pará e Rondônia. Desses casos, cerca de 10 mil resultam em morte. Até em São Paulo, o parasita *Plasmodium falciparum* faz suas vítimas. Foram 654 casos detectados em 1994 (os registros de 1995 ainda não estão disponíveis). Esses números fazem da malária a pior doença endêmica do Brasil, muito mais séria do que

a Aids, por exemplo. No mundo, a malária também é considerada a peste atual: são 100 milhões de casos, segundo a Organização Mundial de Saúde.

Não é fácil vencer a doença. Entre os quatro parasitas vetores da malária, o *Plasmodium falciparum*, justamente o que provoca a forma mais grave de infecção, desenvolve resistência aos remédios (os outros três tipos, *Plasmodium vivax*, *malariae* e *ovale* são menos preocupantes). No

Brasil, os pacientes mais graves recebem derivados da artemisinina, um medicamento chinês que tem ajudado a controlar a doença.

"Temos usado o remédio com critério para não disseminar a resistência", observou Marcos Boulos, da USP. Mas a eterna falta de dinheiro do Ministério da Saúde faz com que o medicamento esteja em falta várias vezes ao ano.

Não é surpresa o desenvolvimento de resistência às drogas do parasita. "Temos participa-

do de uma corrida de obstáculos contra os micróbios desde o advento dos antibióticos", disse Boulos.

No caso dos imunizantes o problema é ainda mais complicado. Hoje, existem vacinas contra vírus, organismos menores e mais simples. O causador da malária é um ser muito maior e mais complexo. "Por enquanto, a vacina deve ficar nas mãos dos pesquisadores", afirmou Boulos. "Mas não podemos ficar esperando por ela." Segundo o médico, a tarefa agora é reconhecer como a doença se transmite, evitar a sua expansão e desenvolver mecanismos eficazes para reduzir a mortalidade.

CASOS MAIS GRAVES SÃO TRATADOS COM REMÉDIO CHINÊS